

O segundo turno derruba Maluf

Ricardo A. Setti



Em novembro de 1960, terminadas as apurações, os números indicaram a mais apertada vitória eleitoral das 44 eleições presidenciais até então realizadas na história dos Estados Unidos — um recorde que ainda hoje permanece. Num universo de cerca de 70 milhões de votantes, o jovem senador democrata de Massachusetts John F. Kennedy batera o então vice-presidente republicano Richard M. Nixon por apenas 118 mil votos. Com seu enorme bom humor — virtude que mesmo a severa revisão histórica ainda em curso sobre seu governo, seu gênio político e até seu caráter lhe poupou —, Kennedy comentou: “Bem, vou governar sabendo que, de cada dois sujeitos que eu encontrar na rua, um não vai com a minha cara.”

Se tivesse humor para encarar as coisas da mesma forma, o prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, que ontem reassumiu o posto depois de mais uma temporada européia, poderia apresentar ao ser empossado, em janeiro de 1986, uma proporção bem menos favorável: dois de cada três paulistanos, na verdade, votaram contra ele nas eleições de novembro de 1985. Jânio, como se recorda, foi eleito com pouco mais de 30% dos votos. Excluído o rol de mediocridades, aventureirismos e insignificâncias políticas que freqüentaram os vídeos dos paulistanos, seus dois competidores reais — o senador Fernando Henrique Cardoso, então pelo PMDB, e o deputado Eduardo Matarazzo Suplicy, pelo PT — somaram, juntos, quase 70% dos votos. Ou seja: se tivesse havido uma eleição em dois turnos em 1985, o prefeito de São Paulo, hoje, seria muito provavelmente Fernando Henrique.

É verdade que com números e estatísticas, da mesma forma que ocorre com as baionetas, pode-se fazer quase tudo, e seu valor na argumentação política é bastante questionável. No caso de 1985, porém, não é preciso mais do que o bom senso para se chegar à constatação de que os quase um milhão de eleitores do PT não votariam em Jânio num segundo turno. E esse é um dado importante para se analisar a sucessão de Jânio, a ser travada em novembro próximo por uma penca de 15 candidatos.

Trata-se de corrida embolada, mas não pelo número de pretendentes — pois a maioria não exhibe fôlego nem currículo sequer para repetir, na eleição, o papel que nas competições de atletismo exerce o *coelho*, aquele corredor sem qualquer chance de vencer, pago apenas para, saindo em disparada na frente, dar um bom trem à prova, que ele, cumprida sua tarefa secundária, logo abandona para embolsar o cachê. As incertezas da prova eleitoral em São Paulo residem nas potencialidades não testadas de cada um dos candidatos aparentemente mais fortes — o ex-secretário de Obras João Oswaldo Leiva, do PMDB, tirado do bolso do colete do governador Orestes Quércia, o ex-governador Franco Montoro, pelo PSDB, e o ex-governador biônico Paulo Maluf, pelo PDS.

O resto do campo é ralo. O PFL, que poderia ter chances reais com o empresário e apresentador de televisão Sílvio Santos, preferiu puxar-lhe sem mais sutilezas o tapete. Apesar dos esforços do senador Marco Maciel, o partido foi seduzido pelo canto de sereia do Palácio dos Bandeirantes, que ofereceu gorda fatia de participação no governo municipal aos comandados da inefável dupla José Maria Marin e Nabi Abi Chedid — exemplares em aplicar, na política, seus fundos conhecimentos do mundo da cartolagem esportiva e parceiros dignos da estatura do chefe do PFL municipal, Arthur Alves Pinto. O PL refugou o forte nome do empresário Guilherme Afif Domingos — o deputado federal mais votado na capital em 1986 — que aparentemente é detentor de veleidades situadas em patamares mais altos, para lançar o jovem secretário de Administração de Jânio,

João Mellão Neto, membro de uma família tradicional paulista que, apesar de ter exibido criatividade na função, é literalmente um ilustre desconhecido.

O PT, dono de surpreendente e vigorosa fatia das preferências partidárias do eleitorado da capital, tinha em seus quadros um candidato — o deputado Plínio de Arruda Sampaio, ex-democrata-cristão — amplamente tido como capaz de atrair votos fora da aguerrida militância petista e por isto mesmo o preferido da liderança do partido, a começar por Lula. Optou, porém, por um duplo haraquiri eleitoral: primeiro, entre Plínio e a mais radical deputada estadual, Luiza Erundina, ficou com esta; depois, não satisfeito com essa puxada à esquerda, o partido, historicamente avesso a coligações, rompeu a tradição — mas para juntar-se com o Partido Comunista e o PC do B, que espantam dez votos potenciais para cada um que são capazes de trazer. Finalmente, o PTB, que formalmente elegeu Jânio em 1985, optou por uma piada — a candidatura do ex-genro do prefeito, Marco Antônio Mastrubonno, ex-secretário municipal do Planejamento e cuja incursão anterior pela seara dos votos teve o brilho e o esplendor de uma quarta suplência de deputado federal pelo PTB, em 1982.

Os três candidatos reais ao cargo de prefeito parecem mesmo ser Leiva, Montoro e Maluf. Cada um tem pontos fortes conhecidos e vulnerabilidades de complicada aferição, com uma campanha mal iniciada. Leiva é desconhecido do grosso do eleitorado, mas tem cinco anos e meio de trabalho na Secretaria de Obras em dois governos — o de seu agora rival Montoro e o do atual governador Orestes Quércia —, a experiência de ter sido um dos comandantes da vitoriosa campanha de Quércia em 1986, a gigantesca máquina do estado de uma ou outra forma movendo-se a seu favor e nada desprezíveis 38 minutos diários na televisão. Montoro tem atrás de si uma vida limpa e uma movimentada carreira de bom de urna, além de um bom governo, sobretudo no interior, mas menos de dez minutos diários na televisão e uma estrutura ainda cambaia dos *tucanos*, não testados em urnas como partido.

Maluf, além dos abundantes recursos materiais de sempre, tem um eleitorado cativo — o mesmo que lhe permitiu passar à frente de Quércia na capital, em 1986, embora perdendo do candidato a governador, do PTB, Antônio Ermírio de Moraes — e mais tempo de televisão do que Montoro, mas, para ficar no fundamental, exhibe também o maior e mais enfático índice de rejeição entre todos os candidatos ao pleito.

E aí está o ponto: Maluf lidera, no momento, as pesquisas de opinião mas o favoritismo que lhe atribuem muitos de seus partidários, colaboradores e observadores não familiarizados com as realidades de São Paulo vem na verdade sendo confundido com o fenômeno que os americanos chamam de *name recognition* — ou seja, graças aos expedientes, artimanhas e pirotecnias em que se especializou, o ex-governador fixou fortemente seu nome, para o bem e para o mal, na memória do público. O que importa, no caso, é seu índice de rejeição, que varia de pesquisa a pesquisa, mas está sempre lá em cima, sem qualquer tendência de queda.

É perfeitamente lícito supor-se que, com uma eleição em dois turnos em que concorram para o segundo apenas os dois candidatos mais votados no primeiro, Maluf tenha chance de superar a primeira barreira. Na segunda peneira, porém, fatalmente será decepado, pois — e disto Maluf não tem dúvidas — Leiva, Montoro, o PT e outros grupos de esquerda tendem a unir-se contra ele no segundo turno. Como os dois turnos são uma criação da nova Constituição, ainda inacabada, as maiores chances de Maluf não estão nas urnas, mas num atraso da Constituinte, que lhe permitisse chegar ao 15 de novembro numa corrida de um turno só, para tentar repetir Jânio e ser eleito sem maioria absoluta. Fora isto, ele deve perder.